

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

**MÁRCIA SANTOS OLIVEIRA**

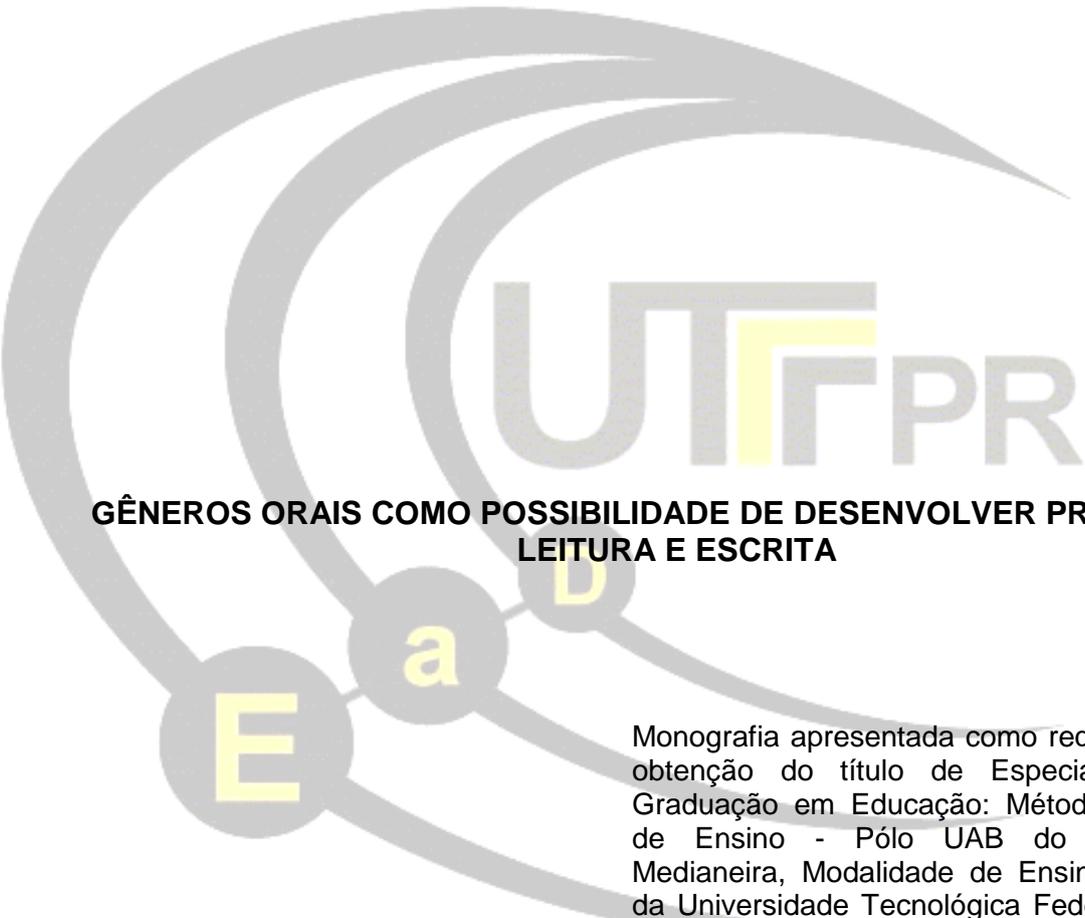
**GÊNEROS ORAIS COMO POSSIBILIDADE DE DESENVOLVER  
PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA**

**MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO**

**MEDIANEIRA**

**2014**

MÁRCIA SANTOS OLIVEIRA



**GÊNEROS ORAIS COMO POSSIBILIDADE DE DESENVOLVER PRÁTICAS DE  
LEITURA E ESCRITA**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Pólo UAB do Município de Medianeira, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

**EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA**  
Orientadora: Professora Janete Santa Maria Ribeiro

MEDIANEIRA

2014



---

## TERMO DE APROVAÇÃO

Gêneros Orais como Possibilidade de Desenvolver Práticas de Leitura e Escrita

Por

**Márcia Santos de Oliveira**

Esta monografia foi apresentada às 9h10 min. do dia 18 de Outubro de 2014 como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Pólo de Nova Londrina, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. A aluna foi arguida pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho Aprovada.

---

Prof<sup>a</sup>. Me. Janete Santa Maria Ribeiro  
UTFPR – Câmpus Medianeira  
Orientadora

---

Professor Cidmar Ortiz dos Santos  
UTFPR – Câmpus Medianeira

---

Professor Carlos Laércio Wrasse  
UTFPR – Câmpus Medianeira

Dedico este estudo a todos que lutam por justiça!

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pelo dom da vida, pela fé e perseverança para vencer os obstáculos.

Aos meus pais, pela orientação, dedicação e incentivo nessa fase do curso de pós-graduação e durante toda minha vida.

A minha orientadora Professora Me. Janete Santa Maria Ribeiro pelas orientações ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

Aos Professores da banca, Cidmar Ortiz dos Santos e Carlos Laércio Wrasse, pelas devolutivas que acrescentaram meu estudo.

Agradeço aos professores do curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, professores da UTFPR, Câmpus Medianeira.

Agradeço aos tutores presenciais e a distância que nos auxiliaram no decorrer da pós-graduação.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização desta monografia.

“As diferenças entre fala e escrita se dão dentro do continuum tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois pólos opostos. Em consequência, temos a ver com correlações em vários planos, surgindo daí um conjunto de variações e não uma simples variação linear”

**(Marcuschi)**

## RESUMO

Marcia Santos Oliveira. **Gêneros Oraís como Possibilidade de Desenvolver Práticas de Leitura e Escrita**. 2014. 48 folhas. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.

Este trabalho teve como temática a reflexão sobre a competência discursiva e linguística que necessita ser desenvolvida na escola, pois ainda é confundida com atividades de leitura em voz alta e conversas informais, que não preparam para os contextos de comunicação. Assim, acredita-se que um trabalho voltado com a alfabetização na perspectiva do letramento está pautado na busca da realização de atividades que levem em consideração o uso social da língua por meio da oralidade permitirá a ampliação desses conhecimentos. Acredita-se que a linguagem oral é importante para o desenvolvimento crítico e participativo, e é função da escola, promover situações de ensino que utilizem essa modalidade como instrumento que permeie os diferentes conteúdos. Assim as estratégias de alfabetização por meio dos Gêneros textuais orais funcionam como modeladores dos discursos, visto que em qualquer situação verbal, os falantes recorrem a eles, em sua comunicação.

**Palavras-chave:** Competência Discursiva. Uso Social da Língua. Comunicação. Conhecimentos.

## ABSTRACT

Marcia Santos Oliveira. **Oral genres as Chance of Developing Practice Reading and Writing.** 2014. 48 folhas. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.

This work was thematic reflection on the discursive and linguistic competence that needs to be developed in the school, as it is still confused with the activities of reading aloud and informal conversations, we do not prepare for communication contexts. Thus, it is believed that a job back with the perspective of literacy literacy is founded on the pursuit of the realization of activities that take into account the social use of language through oral allow the extension of this knowledge. It is believed that oral language is important for critical and participatory development, and function of the school is to promote teaching situations using this modality as a tool that permeate different content. Thus the literacy strategies through oral Text genres function as shapers of discourse, since on any verbal situation, the speakers use them in your communication.

**Keywords:** Discourse Competence. Social Use of Language. Communication. Knowledge.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA</b> .....	<b>13</b>
<b>3 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA</b> .....	<b>14</b>
3.1 CARACTERIZAÇÃO DAS INTERFERÊNCIAS PEDAGÓGICAS QUE CONTRIBUE PARA A CAPACIDADE DE PRODUÇÃO TEXTUAL. ....	18
<b>3.1.1 Delimitar os Gêneros orais que são instrumentos culturais disponíveis nas interações sociais</b> .....	<b>21</b>
<b>3.1.2 Desenvolver por meio dos gêneros orais as práticas de leitura e de escrita como fator de emancipação</b> .....	<b>25</b>
3.2 RELACIONANDO OS EIXOS DA LÍNGUA PORTUGUESA, A PARTIR DO TRABALHO COM OS GÊNEROS ORAIS.....	31
3.3. NOVAS TENDÊNCIAS PARA O ENSINO A PARTIR DO USO SOCIAL DA LÍNGUA.....	36
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>42</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>45</b>
<b>APENDICE</b> .....	<b>48</b>
Anexo – A.....	48

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa analisar questões sobre como o trabalho voltado para a alfabetização e o letramento partindo da premissa de que é importante estabelecer relações entre o trabalho pedagógico com os gêneros orais no sentido de uma prática cotidiana em sala de aula, pois, acredita-se que os mesmos se configuram teoricamente definidos em sua composição para o desenvolvimento de emancipação do aluno?

Parte-se do pressuposto de que o ensino de língua alicerça-se sempre em alguma concepção, será considerado a definição de Bakhtin/Volochinov (1992) e seus seguidores, no processo de elaboração deste estudo. Em consonância do método dialético.

Embora os textos, orais, escritos ou multimodais, produzidos pelos sujeitos em um processo de interação em determinada situação de comunicação sejam diferentes uns dos outros, eles possuem características semelhantes que podemos considerar como determinadas pelos gêneros de discurso. Dessa forma, o conhecimento sobre o entendimento qual o tipo de concepção está sendo utilizada pelo docente é imperativo, visto que é necessário que estimule o aluno, por meio de por exemplo: uma sequência didática, onde as atividades se organizam em torno de propostas que privilegiam suas vivências e possibilitam nesse contexto a se expressarem.

Pretendeu-se nesta pesquisa promover uma reflexão entre educadores que a prática de produção não é uma atividade mecânica e que pode se tornar algo prazeroso, dentro de uma perspectiva que considere a circulação dos textos nos diversos gêneros e contextos em que estão inseridos.

Nessa perspectiva, acredita-se que a linguagem oral é importante para o desenvolvimento crítico e participativo, partindo da premissa de que é função da escola, a promoção de ensino que utilizem essa modalidade como instrumento de ensino e aprendizagem recorrendo por meio desses o trabalho dos diferentes conteúdos.

Dessa forma, este estudo tem como objetivo colocar em prática a proposta de trabalho voltado para a alfabetização e o letramento a partir dos Gêneros orais, voltados para a produção textual que busque alcançar as condições de escrita, fazendo o aluno interagir com a linguagem, caracterizando as interferências

pedagógicas que possam contribuir para desenvolver a capacidade de produção textual dos alunos.

Para tanto é preciso que as estratégias de alfabetização sejam elaboradas por meio dos gêneros textuais orais, pois os mesmos funcionam como modeladores dos discursos, visto que em qualquer situação verbal.

A competência discursiva e linguística necessitam ser desenvolvidas na escola, pois ainda são confundidas com atividades de leitura em voz alta e conversas informais, que não preparam para os contextos de comunicação.

Conhecer situações didáticas que promovam a alfabetização na perspectiva do letramento pauta-se na busca da realização de atividades que levam em consideração o uso social da língua.

Assim, discorrer sobre estudos que tem como base a concepção Bakhtiniana é que norteará esse estudo.

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Como forma de clarificar essa pesquisa toma-se como base as orientações de (GIL, 2009), denominando o estudo como pesquisa bibliográfica, pois o propósito maior é o confronto das teorias já produzidas a cerca das novas concepções de alfabetização. Assim aprofundam-se os estudos a partir do projeto de pesquisa que possibilitou informações para a busca de interesse para aprofundar a temática elencada a priori.

Dessa forma o modelo de pesquisa adotado foi o estudo bibliográfico.

Quanto à natureza do estudo conforme (GIL, 2009) salienta é a pesquisa básica, ou seja, os dados colocados como problemas ou hipótese a priori serão confrontados apenas pela revisão a partir de estudos já publicados.

Quanto à forma de abordagem será do tipo qualitativa tendo em vista aprofundar a pesquisa, a luz dos autores nominados a priori.

Para o confronto faz-se como consulta obras de autores contemporâneos em relação ao tema de estudo. Escrita de forma dissertativa tendo as discussões dos autores confrontadas com o levantamento de hipóteses elaboradas. Como aporte teórico que dialoga com outros trabalhos que discorrem sobre tema tais como: MARCUSCHI, SCHNEUWLY, B. & DOLZ e BAKHTIN.

A coleta de dados começou a partir do pré projeto, e ganhou ênfase a partir da elaboração do projeto de pesquisa realizado na disciplina de metodologia científica. E na análise e discussão dos dados norteados no decorrer desse estudo.

### 3 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Partindo do pressuposto de que a prática de ensino de língua alicerça-se sempre em alguma concepção deste objeto e que nosso olhar sobre a escrita tomará como referencial teórico a perspectiva bakhtiniana de linguagem, consideramos pertinente apresentarmos a definição de língua construída por Bakhtin/Volochinov (1992) e seus seguidores que, no processo de elaboração desta teoria, estes teóricos, com seu método dialético, propõem os contrapontos a outras visões sobre a definição de língua presentes em seu tempo.

Neste sentido, afirmam que:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1992, p.123).

Como se pode entender, Bakhtin (1992) apresenta um posicionamento contrário às teorias que definiam língua como um sistema abstrato de formas linguísticas, ou seja, que privilegiava a estrutura da língua como sua essência e, também, negou que a língua fosse a manifestação do pensamento gerado no interior da mente do falante, como ato psicofisiológico de enunciação individual e, no calor destas reflexões críticas, apresenta sua definição interacionista da linguagem, isto é, propõe que a verdadeira essência da língua reside na interação verbal.

Portanto, a formulação teórica de língua como fenômeno da interação verbal social se deu em contexto de desconstrução de outras duas visões que a concebiam, ora ancorada no estruturalismo, como um sistema de formas linguísticas, primando pela sua estrutura, ora apoiada em um posicionamento filosófico idealista, como um ato individual, que tem como fonte o psiquismo do indivíduo que gera as ideias e as expressa por meio da fala.

Conforme se percebe torna-se relevante que se leve em consideração este contexto teórico, compreendemos ser pertinente trazermos estas diferentes formas de explicação do fenômeno linguístico, já que a língua é o objeto do ensino da

disciplina de língua portuguesa, para as discussões que se fazem sobre a escrita e seu tratamento pedagógico nas salas de aula.

Ao refletir sobre essas palavras nessa concepção percebe-se que texto não é um objeto fixo, ele ocorre em interação (Bakhtin, 1999) e “mesmo em enunciados separados um do outro no tempo e no espaço e que nada sabem um do outro, se confrontados no plano de sentido, revelarão relações dialógicas” (BACKHIN, 1992, p.354).

Com essa perspectiva de texto, com a prática constante de exercícios de produção é que, com o passar do tempo, o professor conseguirá que esses conceitos sejam incorporados pelos falantes, formando assim, alunos capazes de produzir textos que contemplem as diversidades de gêneros textuais existentes.

Portanto, torna-se necessário que a concepção utilizada pelo docente estimule o aluno, antes deste começar a escrever, por meio de propostas que privilegiem suas vivências diárias, dando assim, mais possibilidades para eles se expressarem. Mostrar ao discente que a prática de produção não é uma atividade maçante, mas que pode ser prazerosa, tal como, quando ele está em um bate-papo online com algum amigo ou que uma simples SMS também é uma produção de texto.

Acreditando que a linguagem oral é importante para o desenvolvimento crítico e participativo, é função da escola, promover situações de ensino que utilizem essa modalidade como instrumento que permeie os diferentes conteúdos.

Assim, as estratégias de alfabetização por meio dos gêneros textuais orais funcionam como modeladores dos discursos, visto que em qualquer situação verbal, os falantes recorrem a eles.

Pensar o papel da escola em um mundo globalizado, digitalizado, imediatista, tornou-se importante quando se fala em educação. Sobre essa questão necessita-se que vá além da reflexão, qual seria sua função de fato na atualidade? Qual o tipo de habilidades se pretende formar nos Alunos para que os mesmos possam assumir nossas funções posteriormente?

Cabe citar o estudo realizado por Schuneuwly, 2004, que afirma:

Nessa Função dos gêneros textuais nas relações sociais Há visivelmente um sujeito, o locutor-enunciador, que age discursivamente (falar/escrever), numa situação definida por uma série de parâmetros, com a ajuda de um instrumento que aqui é um gênero, um instrumento semiótico complexo, isto é, uma forma de

linguagem prescritiva, que permite, a um só tempo, a produção e a compreensão de textos semióticos (SCHNEUWLY, 2004. p.8 - Ano 2).

Assim, respectivamente é preciso aliar essa reflexão a prática de trabalhos que promovam a cidadania, o crescimento da vida pessoal e profissional. Ou ainda, dar condições de nosso aluno se emancipar agir autonomamente. Assim, acredita-se que abordar a diversidade cultural e a diversidade de linguagens na escola, torna-se um ponto em comum entre os estudiosos que defendem essa educação como emancipação. Tem-se relação ao termo “multiletramento”, que exigem além dessas competências elencadas outras tantas que se fazem emergentes no mundo globalizado.

Isto vem ao encontro a contribuir com o que concluiu Santella, 2007, em defesa dessa abordagem, priorizando que a diversidade cultural é o ponto de partida para o ensino da linguagem, ou seja, diversidade cultural, diferentes conceitos de práticas letradas, valorizadas ou não, nas sociedades em geral. A esse conceito da prática discursiva algo em comum; sua função social, tema debatido e defendido em nosso estudo.

Outro aspecto levantado pela autora é sobre os conceitos de letramento e multiletramento, que tem em comum na palavra a diversidade cultural de produção e circulação dos textos ou sentido da diversidade de linguagens que os constituem, os estudos são unânimes em apontar algumas características importantes, a respeito Santella, 2007, orienta que:

Eles são interativos; mais que isso colaborativo; eles fraturam a transgridem as relações de poder estabelecidas, em especial as relações de propriedade (das máquinas, das ferramentas, das ideias, dos textos (verbais ou não); eles são híbridos, fronteiriços, mestiços (de linguagens, modos. Mídias e culturas). (SANTELLA 2007, p. 23).

Desta forma, uma das principais características das novas formas de letramento perpassa pelos diferentes tipos de (hiper) textos e (multiletramento), (hipertextos, hipermídia), para uma melhor definição poderiam ser exemplificados os que se apresentam em novas formas, estruturas, utilizados nas redes midiáticas.

Por seu formato, sua própria constituição e funcionamento são interativos. Assim, depende de nossas ações enquanto usuários, seu nível de constituição

encontra-se em grau elevado por sua distribuição pela indústria cultural, rápida e eficaz, e consequentemente utilitarista, imediatista.

Dessa forma, a sustentação do autor coopera no sentido de afirmar que é preciso encontrar nas marcas da modernidade essa abertura de uma interface que forneçam ferramentas que funcionam no ensino escolar.

Nessa mesma concepção Bakhtin, 1997 vem de encontro a afirmar essa prática:

“... por que trabalhar com gêneros textuais na sala de aula? Aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato, bem nas primeiras palavras, pressentir-lhe o gênero, adivinhar-lhe o volume (a extensão aproximada do todo discursivo), a dada estrutura composicional, prever-lhe o fim. (...) se não existissem os gêneros do discurso (...), a comunicação verbal seria quase impossível” (BAKHTIN, 1997, 9. 46).

Como se fez notar por meio do debate, existe uma forte relação entre os conceitos e que, uma vez conhecedora dos conceitos e da implicação prática dos mesmos, o educador pode potencializar as relações de ensino aprendizagem.

São essas questões que abordam um dos paradigmas educacionais de aprendizagem e educação que colocam nesta disputa; as tecnologias e o uso das mesmas com eficácia em práticas pedagógicas mais eficazes. Considera-se esse ser um dos desafios apresentados ao ensino mais emancipador, condizente com a sociedade atual e que considerem os gêneros textuais como elemento norteador das práticas de alfabetização.

Assim, tendo na visão bakhtiniana, por meio de análise aprofundada elenca-se a necessidade de um ensino que leve em consideração essas interrelações, pode-se dizer que o sujeito estará sempre se constituindo no processo de interação com outros sujeitos, com outros discursos. São esses elementos apresentados pelo Círculo de Bakhtin como elementos integrados, inseparáveis e constitutivos aos atos humanos, ou seja, o sujeito é considerado sempre de forma situada em uma dada situação social, histórica e concreta. Nessa visão é por meio da linguagem oral que os indivíduos expressam opiniões, criam situações de comunicação são essas que permitem a troca de experiências e a ampliação dos conhecimentos.

Nesta proposta, considerar que a linguagem oral é importante para internalizar os conteúdos e favorecer a uma devolutiva favorável do aluno, ou ainda fazer a criança ascender para a questão verbal; dessa maneira adequar os

conteúdos é torná-los ensináveis as crianças, (outra vez a questão da metodologia), em nosso entendimento é indispensável que a escola promova situações de ensino que utilizem essa modalidade como instrumento de mediação com os diferentes conteúdos escolares.

Cabe ressaltar, como já afirmado anteriormente, que os gêneros orais trazem trocas que oportunizam as aprendizagens que levam ao desenvolvimento crítico e participativo, no entanto há discussões acirradas, a respeito desta nova linha.

Em outras palavras, exige pôr em relação sentidos pessoais e sentidos compartilhados socialmente, próprios da cultura dos cientistas no que se refere aos seus modos de dizer, de produzir, validar e comunicar conhecimentos. É preciso lembrar que essa relação com o outro é sempre mediada pela linguagem.

### 3.1 CARACTERIZAÇÃO DAS INTERFERÊNCIAS PEDAGÓGICAS QUE CONTRIBUE PARA A CAPACIDADE DE PRODUÇÃO TEXTUAL.

A escolha dos referenciais para servir de base para o desenvolvimento deste texto encontrou-se em alguns teóricos ou teorias que foram analisados para interpretar de forma mais eficaz a prática pedagógica.

Desse modo nesse estudo se fez pertinente o repensar sobre a prática pedagógica eficiente e coerente, pois acredita-se que só por meio de um fazer reflexivo poderá conduzir a resultados satisfatórios.

De fato esse tema é pauta também de muitas controvérsias e fervorosas discussões no meio acadêmico, visto ser o trabalho efetivo do professor em sala de aula. Resumidamente, trata-se de formar um usuário funcional que tenha competências técnicas (“saber fazer”) nas ferramentas/textos/práticas letrado requeridas, ou seja, necessárias ao sujeito que queira progredir em sociedade, e, assim, emancipar-se.

Dessa forma, o analfabetismo funcional é um desafio e ao mesmo tempo uma meta, que precisa ser transformada por meio da escola. As práticas pedagógicas nesse contexto necessitam de um trabalho voltado para as possibilidades concretas de que os alunos recebam esses conhecimentos e, conseqüentemente compartilhem em suas vivências.

Nesse contexto, é impossível que não se atribua ao professor uma parcela de culpa nesse processo, pois é por meio de seu fazer em sala de aula que se media a

teoria dos conteúdos a ação efetiva por meio de procedimentos pedagógicos até ao aluno e que por meio dessa mediação é preciso que aconteça a apropriação do conhecimento que beneficiem a todos as crianças.

Assim, como já afirmado anteriormente, pode-se delimitar outro obstáculo para a efetivação desse processo, que é a falta de valorização por parte dos gestores a esse profissional, onde se observa em todo o Brasil, que os salários estão inadequados a um profissional tão importante que são a base de todo o progresso educacional, acredita-se que se a base não for bem realizada, compromete todo o percurso do aluno, em relação à apropriação dos conhecimentos básicos no tocante a sua aprendizagem escolar. Para que isso seja possível, é necessário que eles sejam analistas críticos, capazes de atribuir essa mesma competência aos seus alunos, como se observa, os discursos e significações, seja na recepção ou na produção acredita serem importantes no processo da educação escolar.

Estudioso como BOURDIEU, (1998), afirma que quanto maior o conhecimento (formação) do professor, maior habilidade de mediar os saberes, ou seja, os diferentes saberes escolares, os desafios que permeiam o processo de alfabetização em nossas escolas perpassam os caminhos históricos de políticas educacionais que não dão conta de entender que um país para se desenvolver precisa de cidadãos capacitados, e para que esse processo não seja rompido, ou quebrado o professor alfabetizador, está em primeiro lugar, é ela que está no chão das salas de aulas com esse desafio nas mãos.

Dessa forma, para que os saberes escolares sejam de fato oportunizados a todos os alunos é preciso que os mesmos assumam forma contextualizada e como não poderia ser diferente toda a comunidade escolar tem sua parcela de participação, não apenas os professores devem ser os protagonistas desse processo.

Os defensores atuais de alguns movimentos “pedagógicos” dão conta de que corresponder a essa meta, para que tal ensino/aprendizagem pudesse se levado a efeito: prática situada/ instrução aberta/enquadramento crítico e prática transformada. Essas propostas didáticas são de grande interesse imediato e condiz com os princípios de pluralidade cultural e da diversidade de linguagens envolvidos no conceito de multiletramentos.

Esses desafios parecem perfeitamente possíveis, como desejável (e, de certa forma, desejada por uma grande parcela dos professores) a adoção de uma didática desse tipo. O desafio maior está no embate que segundo a pedagogia dos multiletramentos, aconselha com a reação, mas em como programar uma proposta assim: O que fazer quanto à formação, remuneração e avaliação de professores? O sentido de contextualização visto em todos os Projetos Políticos Pedagógicos tem uma estreita relação com a comunidade em que se inserem cada unidade escolar, dessa forma o termo contextualizar tem a priori o sentido resgatado de termo de pertencimento, fazendo com que cada professor leve em consideração as características de sua comunidade e seu espaço geográfico em que está inserida a escola e os educandos. O que mudar (ou não) então nos currículos e referenciais: na organização do tempo, do espaço e da divisão disciplinar escolar, na seriação, nas expectativas de aprendizagem ou descritores de “desempenho”, nos materiais e equipamentos disponíveis nas escolas e nas salas de aula?

A reconstrução dessa proposta parte-se da ideia de que a criança mesmo não alfabetizada, já pode ser inserida em processos de letramento, pois ela já faz a leitura inicial de rótulos, imagens, gestos, emoções. O contato com o mundo letrado vai além delas. O termo “letramento” é defendido por Soares (2000), como: “O estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva as práticas sociais que usam a escrita” (SOARES, 2000, p. 47).

Se levar em conta essa premissa volta-se novamente a falar sobre a importância de uma prática pedagógica sistemática e intencional. Vale ressaltar que ao longo das análises realizadas em torno do tema é imperativo de que a escola proporcione aos alunos o contato com diferentes gêneros de textos em diferentes suportes (mídias), desse modo ao colocar os elementos articuladores de forma planejada e intencional para o desenvolvimento das práticas efetivadas em salas de aulas nas turmas de alfabetização, e que incluam em sua dinâmica a produção textual dos alunos por meio de práticas variadas é que pode obter essa meta.

Como se observou uma abordagem interessante seria estabelecer uma rotina diária, possibilitando por meio do planejamento, visualizar todo o contexto das áreas que contemplem os eixos da língua portuguesa articulando-as por meio dos gêneros textuais as atividades cotidianas.

Podendo ser contempladas a oralidade, a leitura e escrita, e a análise lingüística dentro de práticas de letramento.

Assim, delimitar por meio de uma rotina todos os eixos que norteiam a linguagem. Levar para as salas de aulas as práticas do uso social da língua, podendo ser dessa maneira um elemento norteador de todo o processo que deve permear o ensino a possibilidade de habilitar as competências exigidas para que o corra a alfabetização de forma eficaz e proficiente.

Nesse entendimento autores atuais recomendam para o ensino da linguagem é preciso estabelecer práticas de comunicação cotidiana desenvolvidas em sala de aula. Ou seja, a linguagem como expressão do pensamento; a linguagem como instrumento de comunicação e a linguagem como forma de interação.

Assim, Soares (2004) elucida que:

[...] a alfabetização desenvolve-se no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, a través de atividades de letramento e, este, por sua vez, só se pode desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização [...] (SOARES, 2004, p. 14).

Exemplificando dessa forma que a linguagem seja trabalhada como prática social. Dessa forma estudiosos indicam os gêneros textuais quando utilizados como instrumento para o ensino e aprendizagem da leitura e da escrita possibilitam pensar em uma variedade de práticas sociais que vivenciamos em nosso cotidiano e dessa forma mediam o processo de ensino e aprendizagem.

Nessa perspectiva os gêneros orais ao serem contemplados em sala de aula seria o ponto de partida para o desenvolvimento, o início de outras atividades, pois apresentam possibilidades de diálogos interdisciplinares com os conteúdos escolares. Dar esse espaço para a linguagem oral que é um dos eixos da língua portuguesa nas práticas pedagógicas mediatizadas pelo eixo Oralidade podem favorecer ao letramento a conseqüentemente a alfabetização.

Tema que será debatido no próximo tópico

### **3.1.1 Delimitar os Gêneros orais que são instrumentos culturais disponíveis nas interações sociais**

Um dos pontos de vista elencados está entre as práticas de atividades desenvolvidas por meio dos Gêneros orais como uma possibilidade de um meio de transformação, um caminho para o avanço da construção de cidadãos críticos e

participativos, fato que é colocado como uns dos desafios da educação contemporânea.

Encontrar um meio, ou mesmo uma fórmula que tantos desejam para se conseguir esse propósito é tema constante de debates calorosos entre os educadores e acredita-se ser uma necessidade para a promoção de uma emancipação acadêmica e assim, para a vida, onde o cidadão possa agir e intervir em seu meio.

Esse tema passou por várias outras discussões, fato que os estudiosos da área educacional apontam sobre alguns condicionantes que não permitem que as mesmas aconteçam, assim, os parâmetros para o debate foi a partir da concepção Bakhtiana.

Pesquisas apontam para um novo rumo, um norte, ou seja, apontam possibilidades, de se busque o equilíbrio entre a teoria e a prática, acredita-se que o ideal seria repensar nos cursos de formação inicial de professores, habilitá-los para essa diversidade de abordagens que fazem a diferença na prática em sala de aula, ou seja, no processo de aprendizagem.

É importante que as formas de ensinar os saberes científicos nas escolas estejam permeadas de sentidos e de forma a colocar como ponto de partida os saberes que as crianças já os tem elaborados.

Assim, fazer da sala de aula, não apenas um espaço acadêmico, mas, um espaço de possibilidades para a construção de trocas de diferentes tipos de aprendizagens.

Para Bakhtin (1992, p. 265)

Todo enunciado oral e escrito, primário e secundário e também em qualquer campo de comunicação discursiva – é individual e por isso pode refletir a individualidade do falante (ou de quem escreve), isto é, pode ter estilo individual. Entretanto, nem todos os gêneros são igualmente propícios a tal reflexo da individualidade do falante na linguagem do enunciado.

Em algumas dessas práticas o discurso assumido é o do diálogo com a transdisciplinariedade mediadas por meio das diferentes áreas do conhecimento tendo como suporte a literatura infantil, ou seja, um recurso disponível em toda escola.

A ideia da literatura por meio dos gêneros textuais como estratégia vem tomando uma dimensão lúdica que busca associar a diversidade desses desafios

como uma resposta para a mediação da leitura e da escrita e assim, ocorra a alfabetização e o letramento.

Um dos elementos que norteiam essas práticas seriam os gêneros orais para a efetivação ou ligação do senso comum ao científico. O desenvolvimento da criança e sua inserção no mundo que a cerca demandam de uma condição básica de interpretar o seu meio social, que interprete a sua realidade e a compreenda para que possa intervir em sua transformação.

Essa aquisição deve acontecer de forma a considerar as múltiplas linguagens das crianças e o professor alfabetizador como um mediador, que apóia e desafia os alunos para sentirem estimados e que os conteúdos a serem estudados façam de alguma forma sentido para sua realidade, a partir desse sentido de pertencimento, o processo de outros conteúdos deverão ser introduzidos.

Ao refletir sobre essas palavras o autor corrobora

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo (BAKHTIN, 1979, p. 262).

Partindo dessa reflexão, os estudiosos, aconselham sobre esses cuidados e apontam que ao estabelecer o interesse pelo objeto de estudo, sem que se exijam as crianças a decorar regras, assim, um maior aproveitamento em relação a aprendizagem poderá ser mediado por meio de um ensino muito mais eficaz. Alias o que se espera que aconteça na escola por meio dessa mediação que é a aprendizagem como um fator de mudança, de transformação de emancipação, de cidadania, um bem maior a ser buscado por todos a todos.

De acordo com essa concepção, acredita-se que um ensino instigando o gosto dos estudantes pelos gêneros orais levá-los a desafios, a exercerem suas criatividade, a elaborarem novos conceitos a serem inventivos, enfim, possibilitar a transformação no sentido de crescimento que proporcionam a vislumbrar um futuro com maiores possibilidades de condições de melhora de vida individual e coletiva. Ou seja, a educação escolar deve permitir a reflexão, o conhecimento, o autoconhecimento e a aceitação do outro, nesse sentido deve ser uma educação

para o diálogo e para a comunicação, e, quando se fala de educação precisa-se pensar em educação de qualidade para todos.

Nas últimas décadas, nota-se o valor das discussões sobre políticas educacionais e de estudos sobre a trajetória educacional e principalmente sobre o currículo escolar que não foi pensado para as classes trabalhadoras, nesse íterim se faz necessário além de uma mudança educacional uma mudança social.

Esse aspecto também é comentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Pedagogia, de 2006, segundo o fragmento do texto os currículos não ajudaram a definir o que se espera do curso. O resultado é um currículo fragmentado. Nesse parêntese cabe um olhar mais de perto sobre cada realidade escolar, onde os desafios educacionais emergem do povo, e para o povo, assim, colocamos a formação dos docentes como um dos pontos a serem refletidos para essa mudança.

Esse é um desafio proposto para a superação de um ensino pautado em práticas mais contextualizadas e com uma didática que possibilitem o diálogo com a diversidade, tanto cultural, quanto linguística, assim, a formação de docentes que considerem esse instrumento como um fator de cidadania e emancipação social é preciso ir além das concepções simplistas que fazem parte do cotidiano escolar.

Partindo do pressuposto de que a escola é uma das agências mais importantes de letramentos, a leitura deve ser o eixo norteador de todo o processo de ensino e aprendizagem e, por isso, deve ser considerada por uma prática voltada não só para os alunos leitores, os alfabetizados. Diante disso conforme se percebe, falta relacionar a leitura e a escrita como um fator extremamente importante e sendo o princípio dessa caminhada. Nessa situação como um aluno que não consegue realizar a leitura escrita pode ter garantido sua participação senão por meio da atividade que privilegiam os gêneros orais, a oralidade?

A inserção, cada vez mais acelerada, das atuais tecnologias que fazem parte do mundo contemporâneo é pensar no espaço escolar um lugar que vise ampliar o letramento e, para sua efetivação é preciso ter claro nos planejamentos a escolha dos trabalhos que levem em consideração os Gêneros orais.

Nessa perspectiva, um ensino que tenha em sua rotina atividades voltadas para a oralidade, é permitir ao aluno ressignificar sua visão sobre as atividades corriqueiras, porque o leva a adotar uma atitude responsiva, ativa, diante de suas ações diárias. Cabe então considerar elementos com os alunos, reforçando os

aspectos de oralidade sem esquecer o apoio na escrita, dessa forma, as crianças serão habilitadas a tomar consciência da situação em que se envolverá e terá melhores resultados em relação a aprendizagem.

Nesta proposta é considerar os saberes dos alunos como a priori e os gêneros orais serão nesse momento um valioso instrumento para o domínio da língua.

Nesse sentido, o mais importante é possibilitar o trabalho significativo para todos. A essa ressignificação, pode-se atribuir de forma não linear os conteúdos que compõem os gêneros orais e a partir dos mesmos aprofundar em conceitos e conteúdos escolares pelos quais o aluno se apropriará de forma mais significativa dos saberes escolares, participando e elaborando os caminhos ou trajetória de sua própria aprendizagem.

### **3.1.2 Desenvolver por meio dos gêneros orais as práticas de leitura e de escrita como fator de emancipação**

A prática pedagógica, é um desafio constante para os professores e, com frequência, é tema de discussões entre pesquisadores e estudiosos da área educacional. Pesquisas apontam para um novo rumo, um norte, ou seja, apontam possibilidades, de analisar as práticas pedagógicas como um processo que melhora conforme se dá concomitantemente a formação de professores.

Desse modo é importante elaborar quais elementos são necessários para que os saberes científicos sejam possibilitados por meio de práticas cotidianas, permeados de significados assim, é reinventando os saberes em sala de aula que podemos observar o sentido de letramento.

Compreende-se que em algumas dessas práticas o discurso assumido é o do diálogo com a interdisciplinaridade, onde as mesmas sejam elemento mediador dos diferentes conteúdos que compõem as áreas dos conhecimentos, sendo instrumentos metodológicos a prática da leitura e da escrita, que as mesmas tenham como elemento norteador os gêneros orais para a efetivação ou ligação do senso comum ao científico.

Nesse contexto observa-se que o desenvolvimento da criança e sua inserção no mundo que a cerca demandam o domínio e a aquisição da escrita e da leitura

como condição básica para a compreensão da realidade e sua transformação. E que essa aquisição deve se dar de forma a considerar as múltiplas linguagens das crianças.

Acredita-se então que o professor alfabetizador deve ser o mediador, aquele que apóia e desafia os alunos a se interessarem e se sentirem felizes em construir o conhecimento, partindo da valorização de sua cultura como o bem maior a ser buscado pela escola. Ou seja, a contextualização deve acontecer a partir do meio cultural em que a criança está inserida. Novas práticas requerem novos letramentos, assim um ponto a ser considerado quando se fala em leitura e escrita, deve-se considerar que ambas possam conduzir a melhorias das condições de vida. Ou seja, a educação deve permitir a reflexão, o conhecimento, o autoconhecimento e a aceitação do outro, enfim, deve ser uma educação para o diálogo e para a comunicação, e, nesse passo, a leitura e a escrita precisam estar circunscritas em projetos políticos de mudança social.

Dos estudiosos analisados, todos apresentam pontos em comum onde é emergente um novo olhar para a educação, para a escola, para a formação de docentes que considerem esse instrumento como um fator de cidadania e emancipação social.

Sabe-se que questão histórica em relação a falta de leitura na Educação escolar principalmente no Brasil precisa ser tomadas como ponto de reflexão, mas não como sentença de exclusão, cada um pode fazer com que a leitura da realidade seja a porta para a comunicação dos elementos escolares.

Considerando um dos documentos norteadores dos currículos escolares nos últimos anos apresentamos um trecho dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), da Língua Portuguesa para os anos iniciais do ensino fundamental:

Para aprender a escreverem, é necessário ter acesso à diversidade de textos escritos, testemunhar a utilização que se faz da escrita em diferentes circunstâncias, defrontar-se com as reais questões que a escrita coloca a quem já sabe escrever. Sendo assim, o tratamento que se dá à escrita na escola não pode inibir os alunos ou afastá-los do que se pretende, ao contrário, é preciso aproximá-los, principalmente quando são iniciados “oficialmente” no mundo da escrita por meio da alfabetização. Afinal, esse é o início de um caminho que deverão trilhar para se transformarem em cidadãos da cultura escrita (BRASIL, 1998, p.48).

Nota-se que as orientações explicitadas no documento datam de 1997, e ainda assim, os encaminhamentos para o desencadear das atividades relacionadas a essas respectivas práticas pedagógicas, assumem um imensidão de interpretações.

E dessa forma importante, que os educadores assumam uma postura condizente com a emancipação do cidadão, que é uma das funções da educação.

Nesse sentido, é preciso partir da interpretação da realidade para o futuro, das possibilidades de relacionar as capacidades interpretativas em um mínimo de senso crítico, principalmente entendendo que a educação para todos ainda é uma utopia e que a capacidade de emancipação deve passar pela necessidade individual de cada um.

Nesses estudos, não se buscou culpados, mas aponta as responsabilidades do professor como um dos pré-requisitos para uma prática mais reflexiva. Assim, são emergentes os novos discursos sobre alternativas metodológicas relacionadas à prática pedagógica deve fazer parte do cotidiano em sala de aula, é não ficar preso a teorias excludente que promovem a aceitação da possibilidade do erro como um dos caminhos para aprendizagem. Ou seja, a responsabilidade de interpretar condizentemente o fato de que o sistema do capitalismo afirmar a todo o momento, que nem todos são capazes!

A discussão acima suscita algumas reflexões, diante das novas formas de comunicação virtual pós- Internet pode-se atribuir que a escrita teclada é outra exponencial que o ensino deve buscar pela interação da linguagem verbal, discutida nessa concepção.

Bechara, (1992, p.40), corrobora no sentido de resumir as reflexões elencadas que denominou de crise do idioma gerada por esse cenário que se mantém há tempo, pedagogicamente comentando, a escola desconsidera essa forma de suporte para o ensino da linguagem.

Teoricamente, tem-se um processo de alfabetização que é não desligado do letramento. Nesse ínterim, podem-se ressaltar os índices de analfabetismo funcional, ou seja, aquele que registra os que lêem, mas não dominam com proficiência a interpretação, ou seja, não conseguem reconhecer nos textos escritos uma forma de comunicação de emancipação.

Para essa afirmação, Soares (2008) assegura que

– a aquisição da tecnologia da escrita – não precede nem é pré-requisito para o letramento, isto é, para a participação em práticas sociais de escrita, tanto assim que analfabetos podem ter certo nível de letramento: não tendo adquirido a tecnologia da escrita, utilizando-se de quem a tem para fazer uso da leitura e da escrita; além disso, na concepção psicogenética de alfabetização que vigora atualmente, a tecnologia da escrita é aprendida, não como em concepção anteriores, com textos construídos artificialmente para a aquisição das técnicas de leitura e de escrita, mas através de atividades de letramento, isto é, de leitura e produção de textos reais, de práticas sociais de leitura e escrita. (SOARES 2008, P. 58).

Nesse sentido, concebe-se então ao professor teoricamente como sendo um profissional comprometido com a educação para todos, e que para que o mesmo assuma uma postura emancipatória se faz pertinente a busca por essa reflexão construída no coletivo escolar e que coloque o ponto dos encaminhamentos as práticas sociais como elemento norteador de todas as propostas de atividades.

Dessa forma, transpor os conteúdos escolares deixando-os por ações favoráveis à aprendizagem supõe-se então, a superação da dicotomia entre alfabetizado e não alfabetizado, busca-se compreender as habilidades de leitura e de escrita, que caracterizam o indivíduo capazes de inserir-se de forma adequada no contexto social, respondendo adequadamente às competências exigidas profissionalmente.

Portanto, oportunizar ao aluno à transformação por meio dos conteúdos escolares não é um investimento com o qual nossos governos priorizam.

Diante disso, Soares, (2003) lista argumentos sobre a análise de processos de alfabetização que reconhecem que apesar dos esforços pontuais dos sistemas de ensino estar acontecendo visando essa superação, ainda percebe-se, que ainda não ocorre conforme deveria.

Sabe-se que do ponto de vista da alfabetização e do letramento as consequências dessa priori tem apresentado de forma significativa a exclusão de uma grande parcela da população.

Nessa concepção a importância da diversidade dos textos extracurriculares aliado a uma prática cotidiana dará início a uma rotina que se faz necessário a vida escolar dos alunos, visto que, muitos é o único lugar que presenciam a necessidade desse tipo de formação.

Propor situações em que os textos a serem escritos, conforme sintetiza Leal (2005), como uma proposta de aprendizagem em espiral, um mesmo gênero pode

ser trabalhado em anos escolares dos diversos ou até na mesma série, com variações e aprofundamentos dos versos.

No entanto, cabe ao professor criar situações de ensino que favoreçam o processo do alfabetizar letrando.

Autores como Soares (2004) e Morais (2005) têm apontado que a ênfase predominante em torno do conceito de alfabetização nas décadas finais do século passado voltava-se para uma compreensão da mesma como um processo que envolve atividades de codificação e decodificação da escrita.

Como se contata atividades propostas que giravam em torno da repetição e memorização, palavras e frases soltas, sem sentido, dessa forma a fragmentação perpassou o novo milênio exaurindo em demandas fora do contexto em sala de aula. O rompimento dessa concepção anunciada por Teberosky (1986), trouxe avanços significativos para o fazer pedagógico. Ambas as concepções perduram até a atualidade e situações divergentes conflitam o processo de alfabetização. Por um lado, práticas descontextualizadas e outros com o propósito de alfabetizar letrando evidenciam a necessidade de uma constante articulação entre tal eixo com os demais eixos. Inúmeros questionamentos ocorrem nesse momento, justificando assim, ao termo letramento e agora mais recentemente o multiletramento, busca-se construir práticas que contemplem as duas dimensões, que a medida do possível as articule. Portanto, é importante ressaltar que as situações para o desenvolvimento das competências linguísticas atuais variam de práticas, e sobremaneira, do trabalho do alfabetizador.

Desse modo é necessário a previsão de situações compartilhadas de produção de textos, em que o professor seja o escriba, e, por meio da oralidade passe a escrita coletiva, sendo então a partir dessas escritas que assumem um conteúdo rico por possibilitarem a explicitação de variadas estratégias permeadas de sentido, e assim, articular o trabalho com a leitura e escrita.

Em relação aos textos orais, se destacam por promover situações planejadas de ensino, que podem ajudar as crianças a aprender a participar de interações orais em sala de aula, tais como: diferenciar textos de diferentes tipologias ou Gêneros; relacionar a fala com a escrita, tendo em vista a apropriação do sistema de escrita; perceber as variantes lingüísticas, ampliação do vocabulário; valorizar os Gêneros orais, reconhecendo-os como manifestação cultural entre outras possibilidades.

Em suma, nos mais diversos tipos de textos podem combinar-se diferentes tipos de recursos, isso posto, torna-se importante destacar que estamos em pleno processo de atualização quanto às práticas de ensino aprendizagem e de avaliação em relação ao ensino da língua, tendo-a vinculada as formas orais.

No entanto, recomenda-se que nenhuma dessas habilidades é consolidada em um ano, o fundamental, é que todas essas aprendizagens ocorram em situações significativas, nas quais as crianças falem, escreva, escutem, leiam para participar de situações de interesse real e intervirem na sociedade.

Nesse sentido a intervenção pedagógica proposta está dentro do contexto e deve ser construída a partir da reflexão sobre o lugar em que vivenciam suas experiências, ou seja, na sala de aula. A aprendizagem é um processo pelo qual o indivíduo adquire informações, habilidades, atitudes e valores a partir de um contato com a realidade, o meio ambiente e outras pessoas construindo o conhecimento é apropriado pelo sujeito face ao que presencia e vive no ambiente em que está inserido. É conhecer, é questionar, não apenas constatar, verificar e afirmar e próprio do conhecimento mais profundo.

Segundo Chalita (2001, p. 65) “a questão da aprendizagem supera a questão do ensino. O processo de aprendizagem tem de ser permanente”. A teoria de Chalita (2001) está de acordo com as modernas concepções de aprendizagem na qual o foco não é o indivíduo, mas sim o coletivo, a aprendizagem depende muito mais do aluno do que do próprio aluno. Não existe educação sem amor. “Ama-se na medida em que se busca comunicação, integração a partir da comunicação com os demais”. (FREIRE, 1983, p. 29).

Na evolução do ser humano as relações estabelecidas são importantes formas de mediar a aprendizagem. E no espaço da sala de aula acontecem os grandes encontros, a troca de experiências, as discussões e interações entre os alunos, o carinho, a ajuda, enfim as relações afetivas existentes entre professor-aluno. Também é nesse espaço que o professor observa seus alunos, identifica suas conquistas e suas dificuldades e os conhece cada vez melhor. Com tudo, os educadores precisam se sensibilizar para a necessidade de desenvolver a participação de seus alunos, ajudando-os a se tornarem seres humanos melhores formados em todos os sentidos.

Desta forma, proporcionar a aquisição do conhecimento de forma prazerosa, nada melhor do que implantar atividades orais em sala de aula.

Partindo-se dessa ideia, deve-se pensar num espaço de construção de situações de atividades que estimule o desenvolvimento da criança por meio dos Gêneros orais.

### 3.2 RELACIONANDO OS EIXOS DA LÍNGUA PORTUGUESA, A PARTIR DO TRABALHO COM OS GÊNEROS ORAIS

Um dos paradigmas educacionais é a questão interdisciplinar, ou seja, a articulação das áreas dos saberes escolares e de forma mediar as competências de alfabetizar e de letrar e assim, garantir um ensino que habilita aos desafios educacionais contemporâneo de forma cumprir a função social da escola, ou seja, formar o cidadão para viver bem em sociedade que deve ser sempre o norte da educação.

Nesse sentido, quais as formas e procedimentos devem ser colocados em prática para que se efetive de fato esse direito de todas as crianças que é o de se alfabetizarem? Observa-se que nos currículos escolares o conteúdo de base comum do ensino deve ser cumprido em todas as instituições de acordo com a legislação vigente; isso é fato. Mas não é garantia de que as competências que esses conteúdos têm em vista desenvolver sejam possibilitadas a todos (a) os alunos.

No entanto, estudos atuais dão conta da ineficácia de muitos conceitos que não são apropriados pelas crianças, então o que se deveria fazer? Quais são os meios para que a equidade do ensino seja uma prática em todas as escolas e se estendam a todos os alunos?

Enfim, são indagações que nos possibilitam a reflexão de muitos obstáculos; tais como a questão dos métodos, da didática, da formação do professor ou da falta de formação específica desse, da falta de uma política de avaliação interna nas secretárias municipais de educação, da falta de valorização dos professores, enfim, inúmeras possibilidades para se discutir.

Se os conteúdos básicos são os mesmos em todo o território nacional, o que se coloca em pauta então para que as crianças de Norte ao Sul aprendam e desenvolvam de forma ativa e proativa?

A priori do problema é observado dentro dessa demanda que é atribuído ao ensino da língua portuguesa tendo nessa disciplina um canal de comunicação com todas as áreas do conhecimento, assim, o debate de ler, escrever, entender textos,

pensar, elaborar, resolver, interpretar dados, é de forma fantasiosa relacionada ao desenvolvimento das práticas pedagógicas dessa disciplina afins. Não se tem a preocupação em muitas instituições escolares a preocupação de relacionar a alfabetização em desenvolvimento com as outras áreas dos conhecimentos, por exemplo, a Matemática.

Um dos desafios da alfabetização encontra-se no fato do sistema ciclado ou seriado, ou seja, basta o equívoco do Ciclo Básico, que nos anos 80, chegou a todas as escolas e foi mal interpretado por conta da não formação adequada para os professores alfabetizadores. E, assim, entendemos que o sistema escolar que tem na progressão da aprendizagem sua proposta de ensino é uma das formas de organizar melhor essa aquisição de habilidade, ou seja, tem-se maior tempo de a criança adquirir esses conhecimentos, no entanto salientamos que o ciclo como organizacional escolar seja um dos caminhos, pois é uma maneira em que a criança poderá ter um tempo maior para que consiga apropriar-se de todo o processo de alfabetização.

E dessa forma, entende-se que para haver um sistema de progressão escolar é necessário um planejamento também feito em espiral.

Existe a necessidade de se estabelecer a diferença entre a progressão do ensino no sistema de ciclo com a aprovação automática sem que as crianças tenham se apropriados do básico da alfabetização, assim é preciso que se institua nos planejamentos escolares o que é de fato necessário para a criança se apropriar nos primeiros anos de alfabetização, ou seja, definir o que é de fato preciso no primeiro ano, no segundo e no terceiro, dessa forma, o que as crianças não tenham conseguido assimilar em um determinado ano, por exemplo, o professor do ano seguinte possa dar continuidade.

Outra questão que é de sobremaneira importante nesse sistema ciclado seria a permanência dos mesmos professores nos anos iniciais, o sistema de rodízio que acontecem nas escolas municipais, na maioria dos estados brasileiros, dificulta esse processo, pois não há a retomada de conteúdos importantes para a consolidação dos conhecimentos básicos aos alunos.

Dessa forma, precisamos estabelecer a diferença entre aprovação automática com progressão de aprendizagem. A retomada de conteúdos no sistema de progressão de aprendizagem pode ser uma maneira de garantir aos Alunos um

ensino pautado na proficiência, tendo em vista a formação da emancipação do cidadão.

Acredita-se que apenas dessa forma, a equidade educacional seja possibilitada a todos é que a escola terá de fato cumprida sua função social; que é a emancipação. Assim, ressalta-se que os profissionais que estão na área da alfabetização, são o norte desse trabalho, são eles os atores principais desse progresso de cidadania, visto então sua importância e relevância para toda uma sociedade comprometida com o desenvolvimento educacional.

Nesse sentido, uma Pedagogia da Emancipação seria um início de discussão sobre as mazelas da educação e as formas de se construir um novo pensar científico-acadêmico, assim,

A Pedagogia da Emancipação apresentada nesta obra visa motivar o desenvolvimento de competências de aprendizagem autônoma que permitam a evolução do educando em direção à conclusão permanente de seu ser. Trata-se de uma proposta de processo transformador do sujeito por meio do ensino-aprendizagem. Assim, a pedagogia é entendida como um tipo de formação voltada para uma disposição de revisitar o passado e de reinventar o mundo. Um conjunto de saberes que se constitui a partir de uma sabedoria prática. A emancipação refere-se, por sua vez, à capacidade de permanente reavaliação das estruturas sociais, políticas, culturais e econômicas do ambiente com o propósito de ampliar as condições jurídico-democráticas de aprofundamento da organização e do associativismo na vida de determinada sociedade ou grupo para sua inclusão efetiva no contexto social mais abrangente. (Gustin e Lima, 2010.)

Cabe ressaltar situações que contemplem os eixos da língua portuguesa, que explore as funções sociais da linguagem, que oportunizem situações concretas de produções e interpretações articulando a escrita e a oralidade.

Contudo, para que a mesma alcance os objetivos propostos é necessário que seja clara e concisa. Para que o entendimento aconteça depende da relação entre o que é escrito e o que se quer entender.

Nessa ferramenta tem-se um meio que podemos expressar nossos pensamentos, transformar ideias em argumentos e que os mesmos sirvam de registro e levem informações.

Assim, a linguagem escrita torna-se a ferramenta principal para se fazer que o entendimento aconteça e, portanto depende dessa relação entre o que é escrito e o que se interpreta com que faz o aprendizado acontecer.

Uma necessidade de entender os métodos e quais são os tipos de atividades se colocam em determinados momentos podem fazer o sucesso ou não do aprendizado da escrita nos anos iniciais, fazendo assim a necessidade do professor ao utilizar-se das mesmas tenha claro o seu objetivo.

Nesse sentido, compreende-se que diante de uma multiplicidade de métodos que presenciamos podemos considerar que além da multiplicidade que dispomos, é preciso definir qual e em quais momentos utilizar-se do mesmo.

Ainda há um tradicionalismo em muitos de nossos métodos quando se fala em escrita. Ainda temos uma problemática, para além do ecletismo sabemos que pior é a falta de um método. Ou seja, essa proposta se faz emergente para a eficácia do ensino de escrita e conseqüentemente para a leitura.

É preciso que os educadores tenham o entendimento de que o processo da construção da linguagem não é linear. Ou seja, é complexo, ocorre por meio das interações que os circulam. Assim, os sons, os textos, as imagens, interferem nesse processo tanto para a alfabetização quanto para o letramento.

Nesse sentido, a literatura vem de encontro a colaborar no processo de aquisição da linguagem por ser um material acessível em todas as escolas, desde a mais precária a outras.

Dessa forma pontua-se que a apropriação da linguagem não só oral (quando as crianças se apropriam das palavras do autor), mas na também na forma escrita, (por ampliar seu repertório de palavras, dando assim os respaldo e sustentação na escrita), a literatura só tem a estimular esse processo que se constroem por meio de interações.

No entanto não se vê essa prática como ponto inicial, pois são muitas as razões pelas quais os gêneros são aconselháveis ainda nesse entendimento Backtin (1992) corrobora,

“Um dos objetivos da prática de ensino da língua materna é o de que o aluno saiba interpretar e produzir textos coerentes e com opiniões objetivas ao sair do ensino fundamental e médio.”

Portanto, é através da linguagem que os indivíduos interagem, pensam e produzem opiniões próprias. Com isso, crescem e tornam-se capazes de transformar a sociedade em que vivem.

Para isso cabe destacar sobre a importancia que os educadores promovam situações em que as crianças façam uso da linguagem oral por meio de práticas

sociais, percebendo nesse universo pedagógico como um caminho, um meio, que pode suprir a lacuna encontrada no processo de escolarização infantil.

De acordo com essa proposta além de fazer parte do lúdico que é linguagem inata do universo infantil os Gêneros orais por meio de uma prática consciente e sistema, podem fazer esse intercâmbio.

Neste sentido, a aprendizagem escolar implica uma constante reorganização de possibilidades de agrupamentos. Torna-se necessário que o professor tenha conhecimento do que para a ampliação de novos conhecimentos é oportunizar trocas de experiências que perpassam por práticas relacionadas aos diferentes eixos da língua portuguesa a serem desenvolvidos ao longo do processo de escolarização dos alunos.

Geraldi, (1997) concorda com essa nova visão do que seria preciso ter em mente: “Antes de qualquer consideração específica sobre a atividade de sala de aula, é preciso que toda e qualquer metodologia de ensino articula uma opção política – quer envolve uma teoria de compreensão e interpretação da realidade – com os mecanismos utilizados em sala de aula”.

Já se vislumbram mudanças, é provável que os professores percebam que a frente dos textos modeladores, os gêneros orais desenvolvidos a partir da literatura já existentes nas escolas é uma das interações entre o que é falado e as formas em que pode ser escrito, como o processo da escrita é importante, lançar mão dos textos que trazem os livros literários mostra-se bem diferentes dos textos modeladores que os livros didáticos, dessa maneira são aconselháveis o trabalho com ambas que listam uma variedade linguística e de estilos, que devem e podem ser mediador para alfabetização e o letramento.

A aprendizagem é um processo pelo qual o indivíduo adquire informações, habilidades, atitudes e valores a partir de um contato com a realidade, o meio ambiente e outras pessoas construindo o conhecimento é apropriado pelo sujeito face ao que presencia e vive no ambiente em que está inserido. É conhecer, é questionar, não apenas constatar, verificar e afirmar o próprio conhecimento mais profundo.

Segundo Chalita (2001, p. 65) “a questão da aprendizagem supera a questão do ensino. O processo de aprendizagem tem de ser permanente”.

O mundo futuro deve afirmar a diversidade segundo Charlot, 2005: “As diferenças, em vez de homogeneizar, massificar, enriquecem, individualizam; a multiplicidade nos permite sermos sem deixar de sermos nós mesmos.”

Entende-se, assim, que a Educação é um processo de humanização, de socialização e de singularização. E esse processo só é possível pela apropriação do patrimônio humano, que em nosso estudo defende a linguagem oral.

### 3.3. NOVAS TENDÊNCIAS PARA O ENSINO A PARTIR DO USO SOCIAL DA LÍNGUA

Um termo que foi incorporado em debates atuais como a “apropriação” tem a ver com as novas concepções, no entanto, foi analisado e discorrido em estudos anteriores conforme se observa, de acordo com Vygotsky (1984), o termo apropriação refere-se aos processos de internalização e significação, uma vez que os conhecimentos são constituídos no plano individual do sujeito como consequência de negociações de sentidos travadas no plano social. Uma de suas teses é a de que o funcionamento psicológico se fundamenta nas relações sociais entre o sujeito e o mundo. Essas relações são mediadas por mecanismos simbólicos capazes de transformar o que é biológico em histórico-cultural. Para compreender a emergência das funções mentais superiores, do ponto de vista histórico-cultural, Vygostsky apoiou-se nos conceitos de instrumento e signo entendidos como mediadores dos processos sociais do mundo, enquanto que os signos apontam para dentro do sujeito, isto é, para a dimensão instrumental ou intrapsicológica.

Na perspectiva de um ensino que tem a ver com as atuais concepções da linguagem tende a repensar na afirmativa de que “A criança precisa aprender a aprender”. Dessa maneira, a prática pedagógica necessita ser revista, de forma a possibilitar as ferramentas adequadas para esse momento. A criança precisa ser encaminhada para ser protagonista de sua própria história e levar ao desenvolvimento dessa competência requer domínio de ferramentas no qual possibilitam o gerenciamento da aprendizagem.

As narrativas encontradas nos gêneros orais trazem à tona a questão da oposição dos textos técnicos, mal escrito, criados com um linguagem complexa e truncada, que segundo estudiosos chegam a dizer que pode subtrair ou até matar a vontade da criança aprender. No sentido que se apresenta de forma estrutural

rígida, sem flexibilidade de mudança, como se a linguagem fosse aprendida ou apreendida de forma linear.

No entanto pesquisas modernas na área do ensino da linguagem dão conta de que os estudos por meio dos gêneros têm pouca popularidade, ou seja, ainda não se formou um campo de pesquisa sólido, afirmando que ocupam na estrutura industrial da literatura. “Afim não se ganha prêmio com bula de remédio”. Conforme afirma Cruz, 2014<sup>1</sup>, que se preocupasse com falta de simplicidade no português técnico, segundo o autor, “... é um atraso para a cidadania”. Ainda continua o autor:

...”sistemas de educação estão preparados para examinar as pessoas, nem sempre para ensiná-las a ter compreensão profunda. Pois se esforçam em fazer o aluno memorizar lições, apenas, precisamos criar parâmetros, entender que a escrita técnica deve ser uma prática das indústrias e do Estado. A escola é o lugar para que se chame a atenção para isso”. (CRUZ, 2014, p. 15).

Como discutiu-e nessa concepção em que baseou o estudo tendo a língua um elemento social, não basta uma expressão ser tecnicamente perfeita, ela só será aceita numa comunidade se os falantes do idioma o decifrar.

Quando falamos, somos interpretados não de acordo com as nossas intenções, mas segundo uma complicada estratégia de interações. Ela envolve, obviamente, a inteligência de quem interage com a gente. Mas envolve mais coisa. Em especial, a competência que meu leitor, por exemplo, tenha sobre as convenções da cultura que tiveram sua origem na forma como nos expressamos, e nossa experiência anterior com interpretações e mensagens do mesmo tipo.

Por isso, língua não se reduz à gramática, alguns cuidados são necessários, visto muitos professores agem como se fosse só isso. Não é só mediação ou ferramenta da comunicação, nem é só forma de expressão (não penso e depois falo, penso à medida que falo). Língua também é isso. É escrita, é diálogo, é bronca, pensamento e falação. Língua é vida.

Segundo Camara (1904-1970) <sup>2</sup> “a língua é, em última análise, uma parte da cultura e pertence teoricamente à antropologia. O seu estudo esclarece muitos

---

<sup>1</sup> CAVACO CRUZ. REVISTA NOVA ESCOLA. ANO 9 MAIO DE 2014.

<sup>2</sup> Joaquim Mattoso Camara JR. REVISTA NOVA ESCOLA. ANO 9, Julho de 2014. Linguista brasileiro

problemas antropológicos, e o mesmo se pode dizer da antropologia para problemas linguísticos”.

Um dos mais recentes estudos sobre o ensino linguísticos foi realizado por Bizzocchi (2013) <sup>3</sup>, que em seus estudos pontuam sobre a modalidade oral, e mais, segundo o estudo, a ideologia está em preparar a criança para aprendê-lo não para ensiná-lo, dessa forma salienta que é preciso entender que é necessárias mudanças, não se pode confundir a incorporação sensata (ao padrão do idioma) de usos da língua falada com a produção textual deficiente resultante da falta de estudo (BIZZOCCHI, 2013. p.268).

Para o estudioso português brasileiro, em sua modalidade popular “falada”, difere muito da escrita culta, e ambas se distanciam bastante das correspondentes modalidades lusitanas.

Dessa forma, não basta que se ensine a língua, é preciso ter claro de qual espécie de língua se está tratando. O ensino do português engloba, necessariamente, as variedades de todos os países, tanto no registro formal, quanto informal. Especialmente quando se estuda um idioma como expressão cultural de um povo, é a língua padrão, isto é, a modalidade culta, que se tem em mente, e que segundo o autor:

“... é ela que se ensina nas escolas (até aos estrangeiros), é ela que se usa em documentos, jornais, revistas, livros, programas mais “sérios” de rádio e TV (nos de entretenimento, a linguagem é mais livre)”. (BIZZOCCHI, 2013, p.269).

Ainda em seu estudo o Bizzocchi sugere que:

“... devido ao empobrecimento de nossa educação, temos cada vez mais pessoas de nível superior que não dominam a norma e, por isso, escrevem simplesmente mal. E não apenas em termos gramaticais ou ortográficos, mas têm vocabulário pobre e dificuldade de organizar ideias de modo coeso e coerente. Até alguns jornais e revistas trazem textos mal escritos. Isso sem falar em contratos, relatórios, projetos, certidões, etc. língua”. (BIZZOCCHI, 2013, p.272).

Para essa reflexão sobre o ensino da linguagem, é como se o resultado de seu estudo mostrasse que apesar de sermos os falantes nativos do idioma não

---

<sup>3</sup> ALDO BIZZOCCHI é Doutor em Lingüística pela USP e autor de *Léxico e Ideologia na Europa Ocidental* (Annablume) Disponível em: [www.aldobizzocchi.com.br](http://www.aldobizzocchi.com.br).

dominamos por completo. Dessa forma, evidencia-se que o resultado da língua falada com a produção textual é deficiente resultante da falta de estudo. Seria como dizer que pessoas flageladas pela subnutrição constituem uma forma evoluída da espécie humana.

Tendo como parâmetros as concepções atuais sobre o ensino da língua por meio de sua função social, iniciou-se essa reflexão, assim, é preciso considerar que todo texto é um produto. E a seguir a analogia, ela passa por diversas fases de manufatura. Por isso, a escrita está longe de ser algo simples, que começa com um momento de “eureca”, seguido do ato frenético de digitar uma redação final e resulta em uma obra prima.

Na contemporaneidade teorias recentes tem na dialogicidade do contexto social e consideram, por exemplo, os gêneros orais como propomos no início desse debate, ilustrado no enfoque da teoria histórico cultural do qual afirma que,

Nós, humanos, criamos instrumentos e sistemas de signos que nos permitem conhecer o mundo e comunicar sentidos, razão pela qual a linguagem assume grande papel na mediação pedagógica. Toda palavra (signo) comporta duas faces; procede de alguém e dirige-se a alguém. Constitui, assim, o processo de interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão de um em relação ao outro. É, portanto, o território comum do locutor e do interlocutor (BACKTHIN; VOLOSHINOV, 1992, p.113).

A conexão entre o plano social e psicológico foi chamado por Vygostsky de internalização. Significa dizer que os signos e os sentidos tiveram antes uma existência no plano social, entre sujeito. Contudo, o plano interno não se configura para o autor como transferência que ocorre a partir do externo, mas como algo criado ou recriado internamente, no plano das ideias. No esforço de significar falamos, escrevemos ou representamos ao mesmo tempo em que são explicitadas as relações em jogo.

Nascemos, então, imersos em um mundo culturalmente saturado de sentidos em circulação e disputa, constituindo-nos como sujeitos singulares nessa relação espaço-temporal chamada de “cronotopos” por Backthin (2002). Assim, são as relações sociais nas quais os sujeitos estão envolvidos que explicam seus modos particulares de pensar, compreender, explicar e existir no e com o mundo, na cultura, com os outros e consigo mesmos. Trata-se de um processo inconcluso e aberto como possibilidade de vir a ser.

Quando consideramos as relações social e intencionalmente planejadas no âmbito da escola, nosso interesse recai sobre as aprendizagens. De acordo com Smolka (2000),

a apropriação é comumente relacionada à ideia de desempenho de ações bem sucedidas pelo indivíduo. De fato, usualmente, a internalização e a apropriação de meios culturais de mediação são consideradas, referidas e avaliadas como aprendizagem e domínio de maneiras de fazer as coisas parecerem acontecer somente quando é possível “observar” e, “ver”, de modo, a adequabilidade, a pertinência das ações. Aqui, tornar adequado é geralmente tomado como um indicador de tornar próprio. (SMOLKA, 2000, p.31).

Ao termo apropriação remete à ideia de tornar próprio algo anteriormente externo, isto é, existente e em circulação no plano social.

Dessa forma, no contexto da educação, apropriar-se consiste em aprender a usar um repertório de ideias e sentidos que passam a orientar nossa interação com o mundo, com os objetos de conhecimento e com a realidade na qual estamos inseridos.

Para que a aprendizagem ocorra e a apropriação aconteça de forma significativa, torna-se necessário avaliar o quão adequado está um enunciado particular de um sujeito, em termos de expectativas sociais, dentro dos marcos da cultura dos cientistas, em consonância com os discursos didáticos do professor e dos textos oferecidos em classe. Dessa maneira acredita-se que a aquisição do conhecimento demanda confronto de ideias pessoais e aquelas historicamente consolidadas pela comunidade científica. Diante disso, ter acesso aos discursos dos sujeitos, seja verbais ou não verbais, é a diferença.

Contudo, é pertinente nesse aspecto analisar sempre discursos/textos, e não os sujeitos ou a realidade imediata. O aprendizado sistemático é oportunizado pela escola, através da educação escolar que tem a ciência como cultura; sendo assim, a aprendizagem pressupõe indagar sobre quão inseridos os estudantes estão nesses modos de produção de discurso e práticas.

A ideia de apropriação também leva a pensar de forma complementar e coerente ao que foi exposto, no conceito de compreensão, tomando como referencia Backthin (2003) e sua teoria da enunciação.

A compreensão por uma atitude ativa e responsiva do sujeito que põe em relação o que já sabe com aquilo que se apresenta novo para ele. Esse esforço de pôr em relação sentidos vários se traduz em apropriações diferentes. Compreensão é esforço de apropriação

e envolve, segundo o autor, no mínimo dois sujeitos sociais e historicamente marcados. Diferente do explicar que é de um, daquele sujeito que explica, a compreensão é trabalho semiótico, isto é, de sentidos em disputa e, por isso, é essencialmente dialógica. São consciências que se encontram e se confrontam num jogo tenso de disputa pelo fechamento de um sentido único por meio da palavra.

Backthin, (2003), constrói uma noção de diálogo a partir da relação entre as palavras alheias e palavras próprias. De acordo com sua teoria da enunciação, durante o processo de apropriação, as palavras alheias ou palavras do outro, pela interpretação e reconceituação de vozes, tornam-se paulatinamente minhas, alheias até se tornarem propriamente minhas (Backthin, 2003). Não se trata, portanto, de uma repetição, mas significação como compreensão ativa e responsiva (Backthin, 2003).

Dessa forma é ativa porque resulta do esforço de consciências em atividade, em disputa, e é responsiva porque responde ao outro com suas contra-palavras. Acredita-se que um dos eixos da linguagem que estabelecem uma relação apropriada para a mediação desse processo podem ser os gêneros orais, pois apresentam elementos que perpassam os diferentes conteúdos.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o estudo que considerou a função social do ensino da língua na visão histórico cultural, (Bakhtiniana), pode-se observar que apesar das mudanças no contexto educacional nos últimos anos, o acesso à aprendizagem no discurso político não é privilégio desses ou daquele sujeito, mas a todos independe das diferentes esferas sociais. Fato que necessita ser mais bem interpretado diante em situações que atravessam as escolas públicas ou privadas, ou seja, os olhares sobre o ensinar e o ato de aprender ganham cada vez mais espaço com a acirrada era da globalização e das tecnologias que incentivam e apontam novas possibilidades no que se refere às descobertas na aprendizagem.

Acredita-se que a linguagem oral é importante para o desenvolvimento crítico e participativo, cabe aos profissionais de educação ter em seus planejamentos de ensino, metodologias apropriadas para essa função.

Nesse contexto cabe salientar que o processo de ensino com profissionais comprometidos com a qualidade efetiva da educação escolar, é uma possibilidade de sanar essas lacunas que se encontra hoje no processo educacional relacionados ao sistema de alfabetização e letramento. Em uma sociedade em que o centro encontra-se na escrita é preciso mesmo que essa prática seja permeada por práticas condizentes com o uso social da escrita, pois é uma da mais relevante forma de comunicação.

Sob o enfoque da concepção elencada pelo qual o letramento pressupõe comportamento e habilidades para o uso da leitura e da escrita em práticas sociais, leva-se em consideração que somos seres sociais e que vivemos em sociedade para sociedade e que os conhecimentos escolares nesse contexto é tornar esse processo contemplando esses saberes, sugere-se um fazer educativo que vise um ensino a partir da práxis problematizadora e mediador dos saberes acumulados culturalmente, por meio dos gêneros orais que correlacionam os elementos que consolidam a apropriação do conhecimento.

Abrevia-se aqui um parêntese, sobre a importância da formação continuada aos professores, visto que os cursos de formações de professores não priorizam o debate sobre a alfabetização, dessa forma, por meio da capacitação contínua a reflexão acerca dessas questões sobre as quais debatemos são elencadas ao contexto de cada comunidade escolar, assim, como deve ser.

Por meio de uma análise mais aprofundada pode-se aferir por este estudo que as atividades relativas aos gêneros orais como instrumento para o ensino e aprendizagem da leitura e da escrita ainda não são consideradas como prioridade na lista de atividades e procedimentos metodológicos que visem habilitar as competências que propusemos em nossos objetivos do trabalho. Ou seja, o ensino da prática de leitura e escrita ainda tem marcas do ensino tradicional da linguagem, que consideram as atividades de escrita dos alunos como algo passivo longe de mediações que os gêneros orais possibilitam estabelecer nesse processo de aprendizagem, ainda observam-se modelos repetitivos e de memorização do tipo que reconhece, recorda, reproduz e repete.

Os conteúdos escolares devem garantir a função social dos gêneros assim, parte-se da oralidade a outras atividades adequando aos conhecimentos prévios e ascender as práticas escritas. Como quando pede para escrever um texto sobre o assunto da vivência da vida real do aluno, próximas a situações próximas a realidade.

Dessa maneira a concepção da escrita com foco na língua, na ortografia que ainda é frequente, no ensino dos anos iniciais de alfabetização que pouco considera a linguagem como uma atividade social. (Modelo no Apêndice A).

Em nossas considerações deixamos em aberto a questão sobre o quanto é interessante que novos pesquisadores possam aprofundar sobre essa temática tendo em vista ser um dos recursos mais condizentes em nossa sociedade atual; que é toda visual. Pois assim observamos que a presença dos gêneros orais no currículo é uma ideia relativamente hegemônica no meio educacional, o que privilegiar e como desenvolver esse trabalho ainda não é os mesmos se colocam como permanentes desafios.

Desta forma, por buscar na análise histórico-crítica a relação entre o debate como observações e leituras, acreditamos que o contato com autores que tratam deste tema proporcionou-me um esclarecimento maior e me oportunizou melhorias no desempenho profissional na área educacional, haja vista que por meio de diferentes conhecimentos é que se pode dizer que novos conceitos se formarão e a isso damos o nome de aprendizagem.

Assim sendo como forma de ilustrar, a interação entre o que falamos e o que escrevemos (será colocado no apêndice A), modelos de atividades que serviram de base para esse estudo.

Assim, concluímos afirmando que ao usar a escrita como forma de comunicação a responsabilidade de transmissão da mensagem depende da maneira que a for utilizada.

Considera-se, assim, que cabe ao professor dar condições aos seus alunos para expressarem suas próprias experiências, isto significa colocá-los a par de outras possibilidades de transmitir suas mensagens. E o trabalho com os gêneros orais é um meio de mediar os eixos da língua portuguesa em uma perspectiva interacionista.

Portanto, é preciso favorecer através de atividades todos nos níveis de aprendizagem, com intervenções necessárias para que todos estejam no nível igualitário, e só por meio da oralidade é que se consegue essa mediação e ampliação e favorecimento de participação. Dessa forma o gênero oral se constitui em uma ferramenta indispensável para qualquer pessoa, que sabendo usá-la com certeza terá mais sucesso.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. In: BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. (Tradução: Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira). São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAKHTIN, M. **Língua, fala e enunciação**. In: BAKHTIN, M. Marxismo e filosofia da linguagem. (tradução: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira) São Paulo: Hucitec, 1995

BAKHTIN, M. (1973-1977). **A interação verbal**. In: BAKHTIN, M. Marxismo e filosofia da linguagem. (tradução: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira) São Paulo: Hucitec, 1995.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOSHINOV. A interação verbal. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais no método sociológico da linguagem**. 2ª ed. São Paulo: 1992, Hucitec.

BECHARA, Evanildo. Moderna. **Gramática Portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1992.

BRASIL. MEC. SEF. Tecnologias da comunicação e informação. In: \_\_\_\_\_. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental**. Introdução aos parâmetros curriculares nacionais (5ª parte). Brasília: MEC/SEF, 1998, p. 133-157.

BRASIL. MEC. Secretaria de Educação Fundamental. **PNE** (Plano Nacional da Educação) Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997

BIZZOCCHI, A. **A evolução também involui**. In: Revista Língua Portuguesa. São Paulo: Segmento, n. 90, abr. 2013.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber, formação de professores e globalização: questões para a educação hoje**. Porto Alegre: Artimed, 2005. p. 138.

CHALITA, G. **Educação: a solução está no afeto**. São Paulo: Editora Gente, 2001, 267 pg.

DOLZ, J. e SCHNEUWLY, B. **Gêneros e progressão em expressão oral e escrita. Elementos para reflexões sobre uma experiência suíça** (francófona). In “**Gêneros Oraís e escritos na escola**”. Campinas (SP): Mercado de Letras; 2004

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 20ª ed., São Paulo: Cortez, 1983.

GERALDI, J. W. (org.) unidades básicas do ensino de português. in: **o texto em sala de aula.** 3. Ed. São Paulo: Ática 1997.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 2008.

GUSTIN, Miracy Barbosa de Souza; LIMA, Paula Gabriela Mendes. **Pedagogia da Emancipação: desafios e perspectivas para o ensino das ciências sociais aplicadas no século XXI.** Belo Horizonte: Editora Fórum, 2010.

MENEGASSI, Renilson José; SANTOS, Annie Rose dos; RITTER, Lilian Cristina Buzato (Org.) **Escrita e ensino.** Maringá-PR: EDUEM, 2010 (Formação de Professores – EAD, n. 42).

Miracy Barbosa de Sousa Gustin/Paula Gabriela Mendes Lima. **Pedagogia da emancipação.** 1ª Ed. 2010.

MORAIS, A. G.; LEITE, T.S. **Como promover o desenvolvimento das habilidades de reflexão fonológica dos alfabetizandos?** In MORAIS, A.; ALBUQUERQUE, E. e LEAL, T. **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética.** Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2005.

SANTAELLA, L. **Cultura das mídias.** 3. ed. São Paulo: Experimento, 2007.

SOARES, Magda. **Letramento e Alfabetização,** Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de alfabetização, Leitura e Escrita, Revista Brasileira de Educação, outubro de 2004.

SOARES, Magda. **As muitas facetas da alfabetização. In: Alfabetização e letramento. São Paulo: Contextos, 2003.**

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim; et al. **Gêneros orais e escritos na escola.** Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SMOLKA, A. L.; GÓES, M. C. (Orgs.). **A linguagem e o outro no espaço escolar.** 5ª ed. Campinas: Papyrus, 2000. p. 31.

REVISTA NOVA ESCOLA ISSN: 1413-1862. JIL/AGO. 2014 V.20/Nº118, ANO 9. FUNDAÇÃO VIRTOR CIVITA. EDITORA ABRIL. Maria Emília Caixeta de Castro Lima. Entrevista sobre o tema: **apropriação da escrita.** CAVACO CRUZ, LUIS. 2014.

TEBEROSKY, Ana; **Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtivista.** Porto Alegre: ARTMED, 1986.

PARO V. H. **Gestão democrática da escola pública.** 3ª ed. São Paulo: Ática, 2008.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

## APENDICE

### Anexo – A

#### Modelos de atividade Escrita comentadas que serviram de base para o desenvolvimento do estudo

A) Atividade de escrita como reprodução, ou escrita treinada;

Circule as vogais que aparecem no caça palavras:

A X I I O Y I R B E
B V L N X I J B C R
R E J G U L G V S T
T O A F P A O O X Y
B Ç R B U S H K Z U
H L E S G E V A O P
I M W E I D S N W M
O P Q M P R S A U O

**Justificativa:** pressupostos teóricos metodológicos da concepção de linguagem como expressão do pensamento, têm como foco a escrita treinada. Tem em vista a correção busca a reprodução, textos coletivos homogêneos. Tem como objetivo a correção ortográfica.

B) Atividade de escrita como transcrição;

Comando: As crianças irão fazer a troca dos desenhos pelas palavras correspondentes na história. TEXTO ENIGMÁTICO - Substitua as figuras pelas palavras, leia o texto e, depois, escreva-o no caderno.

**Objetivo:** tem como foco a reprodução, mobilizando a atenção do aluno para garantir a fidelidade ao registro e o domínio das convenções gráficas da escrita.

C) Atividade de escrita como decalque; funcionam como modelos a ser seguidos.

As crianças farão a troca dos valores colocados na receita pelo seu dobro:

Copie a receita, trocando a quantidade de ingredientes pelo seu dobro.

### Receita normal

2 xícaras de leite
3 ovos
2 xícaras de farinha
2 xícaras de açúcar
3 colheres (sopa) de margarina
1 colher de (sopa) de fermento em pó
Receita em dobro
4 xícaras de leite
6 ovos
4 xícaras de farinha
4 xícaras de açúcar
6 colheres (sopa) de margarina
2 colher de (sopa) de fermento em pó

#### D) Atividade de escrita de autoria.

Comando: Temos estudado nesse capítulo sobre o tema “Escravidão no Paraná” procure resumir o que você achou interessante sobre o tema e o que poderíamos fazer para mudar a história se estivéssemos lá nesse tempo? O que você faria para ajudar os negros?

Justificativa: Concepção de escrita de autoria de cunho argumentativo

#### E) Concepção de escrita: Dom Inspiração:

Escreva um texto inspirado no seguinte provérbio « Filho de peixe, peixinho é ».

**Justificativa:** tem como objetivo tem como objetivo que escrever é articular informações, maneira a exteriorizar logicamente o pensamento, suas intenções sem levar em conta as experiências e os conhecimentos do leitor ou a interação que envolve esse processo.

Tem como foco a correção, articular informações é uma estratégia de produção ocupando o espaço de tempo do aluno como forma de manter disciplina na sala.

**F) Atividade de autoria**

Neste bimestre trabalhamos com bilhete. Agora você irá escrever um bilhete para um colega que perdeu a aula e gostaria de saber sobre a data de avaliação de Português. O bilhete será enviado pela professora.

**Escrita treinada (escrita envolvendo temática)**

Escrita com foco na língua:

Escreva um texto que use os seguintes substantivos: bruxa, mesa, fada, chuva.

**Justificativa:** aspecto tipológico segue sempre um contexto de produção e o meio de circulação.